



AUTODOAÇÃO E RESPONSABILIDADE PELO OUTRO: UMA REFLEXÃO SOBRE O DISCIPULADO MISSIONÁRIO A PARTIR DE 2COR 5,14-17

(Self-giving and responsibility for others: a reflection on
missionary discipleship based on 2Cor 5,14-17)

André Gustavo De Fiore

Mestrando em Teologia Prática-Pastoral pela PUC/SP

E-mail: andre.contabilidade@terra.com.br

RESUMO

Ao afirmar que “um só morreu por todos”, “a fim de que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles” (2Cor 5,14-15) Paulo precede da seguinte expressão: “a caridade de Cristo nos compele” (2Cor 5,14). A exemplo de Cristo, os cristãos devem amar e lançar-se a serviço da comunidade, doando-se e responsabilizando-se pelo próximo. O presente artigo tem o intuito de refletir sobre as implicações pastorais ligadas ao conceito de “novas criaturas” com foco na autodoação e responsabilidade pelo outro. Para tanto, num primeiro momento, reflete sobre o conceito de “novas criaturas”, enfatizando o amor de Cristo como motivação para a práxis da vida cristã. Em seguida, apresenta o discipulado na autodoação, consequência da nova vida em Cristo, elementos que permitem apresentar o conceito de responsabilidade pelo próximo a partir do serviço comunitário. Conclui que, “viver para Cristo” implica uma prática pastoral na qual: a) o amor redentor de Cristo compele a uma nova vida e exige atitudes segundo esse amor; b) Servir a comunidade na autodoação é consequência dessa nova vida; c) A dimensão comunitária induz à participação na construção do Reino de Deus e leva à responsabilidade pelo outro.

Palavras-Chave: Novas Criaturas; Autodoação; Responsabilidade pelo outro; Discípulo Missionário.

ABSTRACT

By stating that "only one died for all," "so that those who live should no longer live for themselves but for him who died and was raised for them" (2Cor 5,14-15) Paul precedes the following expression: "the love of Christ compels us" (2Cor 5,14). As Christ left his example, Christians should love and assign themselves tasks on community service, be dedicated and taking responsibility for others. This article aims to reflect on the pastoral implications concerning the concept of "new creatures" with a focus on self-giving and responsibility for others. Therefore, at first, it reflects on the concept of "new creatures", emphasizing the love of Christ as motivation for the practice on Christian life. Then presents discipleship in self-giving, a result of the new life in Christ, elements that allow us to present the concept of responsibility for others from the community service. It concludes that "living for Christ" implies a pastoral practice in which: a) the redeeming love of Christ compels a person to a new life and requires attitudes according to this love; b) Serving the community in self-giving is consequence of this new life; c) Community dimension leads to participation in building the Kingdom of God and takes to the responsibility for others.

Keywords: New Creatures; Self-giving; Responsibility for others; Missionary Disciple.



INTRODUÇÃO

A leitura das cartas paulinas indica que o apóstolo Paulo se apresenta às suas comunidades sempre com intenções pastorais, ou seja, com elementos que instruem a vida cristã em comunidade a fim de solucionar conflitos e conscientizar a todos sobre a necessidade da adesão plena a Jesus Cristo. Alguns teólogos, como descrito ao longo do presente artigo, apontam Paulo como um teólogo pastoral e missionário e sua teologia não tem o intuito de estruturar tratados sistemáticos sobre Deus, e sim criar condições para o desenvolvimento de suas comunidades, sempre no espírito cristão orientado pelo verdadeiro evangelho por ele pregado. Através dessa chave de leitura, o presente artigo faz uma reflexão sobre essa orientação pastoral trazida por Paulo na Segunda Carta aos Coríntios, mais precisamente no capítulo cinco, versículos quatorze a dezessete.

Nessa perícopes, o apóstolo aponta que "se alguém está em Cristo, é nova criatura. O que era antigo passou, agora tudo é novo" (2Cor 5,17). Portanto, para Paulo, estar em Cristo é deixar de lado o antigo homem e a antiga natureza pecadora e aderir à proposta de Cristo para uma vida nova a partir do Evangelho. Considerando que "um só morreu por todos e, portanto, todos morreram" (2Cor 14), o cristão é chamado a morrer também para o pecado e ressuscitar para uma nova consciência à luz da ressurreição de Jesus.

A ideia de nova criatura, proposta por Paulo, permite uma leitura pastoral da perícopes e, a partir da chave de leitura da teologia pastoral e missionária também proposta por ele, é possível perceber que ao tornar-se "nova criatura" o cristão é compelido, pelo amor incondicional de Cristo, a não mais viver "para si mesmo, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou" (2Cor 15), Jesus Cristo. Diante do amor de Cristo, não é possível ao cristão o indiferentismo, isto é, esse amor infinito impulsiona o fiel e sua comunidade a viver com o mesmo espírito de doação com que Cristo morreu, ou seja, no amor que compele a doar-se para o outro, o que constitui sinal sensível da presença de Jesus na vida daquele que O segue.

Diante dessa breve argumentação, o presente trabalho se debruçará em refletir sobre o discipulado missionário na autodoação que gera a responsabilidade pelo próximo. Sem o intuito de se elaborar um trabalho exegético da perícopes em questão, os tópicos a seguir se apresentam com interpretações pastorais a partir de 2Cor 5,14-17 em três momentos: Primeiramente refletindo sobre "a Caridade de Cristo" que compele à conversão (novas criaturas), à autodoação e comprometimento com o outro a partir do amor de Cristo; posteriormente refletindo sobre o discipulado missionário na autodoação; por fim, debruça-se sobre o discipulado missionário e a responsabilidade pelo próximo.

1. NOVAS CRIATURAS EM CRISTO JESUS: A CARIDADE DE CRISTO QUE COMPELE À CONVERSÃO, À AUTODOAÇÃO E AO COMPROMETIMENTO PELO OUTRO.



O apóstolo Paulo, em suas cartas, apresenta sempre uma teologia pastoral que guia suas comunidades no caminho do verdadeiro evangelho por ele pregado e aponta para a vida orientada em Cristo. Portanto, pode-se atribuir à teologia paulina um caráter pastoral e missionário; Paulo não tem o intuito de construir uma teologia sistemática e teórica e sim promover o verdadeiro espírito de fraternidade e comunhão, com fundamento na realidade de Jesus Cristo e na graça redentora e amorosa de Deus. Dessa forma, conforme expõe Paganotto, Paulo se caracteriza como um teólogo em missão.

Paulo não é um teólogo da missão, mas um teólogo em missão. Toda a sua teologia depende de sua atividade missionária. Após o encontro com o Cristo ressuscitado, Paulo não consegue mais ver a sua vida a não ser em estreita conexão com o Evangelho, do qual ele é um apóstolo credenciado pelo próprio Deus. De fato, o título mais utilizado em suas cartas, nesta relação missão – teologia, é o de apóstolo.¹

Dunn apresenta essa dimensão pastoral-missionária de Paulo dentro de pressupostos antropológicos e aponta que, de certa forma, o centro de sua teologia está relacionada com a religião e o impacto da revelação divina sobre o ser humano. Indo mais além, o referido autor, ao citar o comentário de Bultmann de que “toda a afirmação sobre Deus é simultaneamente afirmação sobre o homem e vice-versa”, apesar de reconhecer certo reducionismo antropológico nessa afirmação, considera nela dois pontos relevantes no que diz respeito à teologia paulina: primeiramente considera que Paulo escrevia como missionário e como pastor, não tinha o intuito de ser sistemático e acadêmico e conclui, citando o aforismo de Melancton: “conhecer a Cristo [é] conhecer seus benefícios”; num segundo ponto, resumindo o pensamento do autor, a teologia de Paulo é relacional, ou seja, preocupada com a forma de convivência de suas comunidades.² Assim, interpretando o pensamento de Dunn dentro da temática, é possível perceber que a ação redentora de Cristo exige também o comprometimento da humanidade para uma nova vida orientada pelo ressuscitado e movida por seu amor.

Quando investigamos as cartas de Paulo, o que encontramos, em meio aos conflitos que com frequência caracterizam a vida em suas comunidades, é uma teologia de mutualismo em Cristo. Esse reconhecimento mútuo dos coparticipantes no evangelho origina-se, na verdade, de uma base carismática.³

Nesse sentido, a nova vida orientada por Cristo, ou seja, o tornar-se “nova criatura” (2Cor 5,17) pela graça de Deus, é, ao mesmo tempo, conversão pessoal - onde o velho homem morre para o pecado e para as práticas antigas e ressuscita para uma vida guiada pelo evangelho - e seguimento de Cristo pela doação e comprometimento com toda a comunidade, assumindo a responsabilidade pelo outro, reflexo verdadeiro do amor de Deus e caridade cristã.

¹ PAGANOTTO, Diones Rafael. *A dimensão escatológica na missão de Paulo: uma leitura da primeira carta aos tessalonicenses à luz da teologia da missão*. Contemplação – Revista Acadêmica de Filosofia e Teologia da Faculdade João Paulo II, v. 1, pp. 29-39, 2014.

² Cf. DUNN, J.D.G. *A teologia do apóstolo Paulo*. 2ª. Edição. São Paulo: Paulus, 2008. pp. 80-85.

³ CAMPBELL, W.S. *Paulo e a Criação da Identidade Cristã*. São Paulo: Edições Loyola, 2011. p. 74.



Na segunda carta aos Coríntios, Paulo afirma que "todo aquele que está em Cristo é uma nova criatura. Passou o que era velho; eis que tudo se fez novo!" (2Cor 5,17). Essa renovação é apresentada por Paulo no contexto do mistério de reconciliação, em que Deus, por meio do Sacrifício Pascal de Jesus Cristo, reconcilia-se com a humanidade. Assim, tudo se faz novo, estabelece-se uma nova aliança entre Deus e a humanidade. Porém, essa reconciliação não se concretiza de forma unilateral, mas exige a adesão e mudança de vida de toda a humanidade, em que todos devem morrer com Cristo e ressuscitar com Ele, ou seja, morrer para o pecado e ressurgir para uma nova vida em comunhão e adesão plena à proposta de Jesus, não mais vivendo para si, mas para Cristo.

Um só morreu por todos (v. 14) ... Ele Morreu por todos (v. 15) ... Por conseguinte, todos morreram (v. 14) ... Aqueles que vivem não vivem mais para si, mas para Cristo (v. 15). Ou seja, trata-se de fórmulas extremamente condensadas, mas que, no entanto, constituem um dos melhores resumos da redenção: como Jesus morreu por todos, todos morreram com Ele e são chamados a viver com ele.⁴

É, portanto, nesse sentido que o ser humano se torna "nova criatura"⁵, ou seja, diante da morte e ressurreição de Jesus a humanidade também ressurgiu para uma nova vida orientada por Jesus Cristo. Essa afirmação denota a participação da humanidade no projeto de Deus, em que o ser humano é incluído no ato redentor e chamado a converter-se, a deixar de lado a antiga vida e orientar-se pelo ressuscitado, "sepultados com Ele na morte para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, também nós andemos em novidade de vida" (Rm, 6,4).

Ele age por nós, mas não em sentido que nos exclua do ato. Pelo contrário, inclui-nos nele. "Um só morreu por todos" diz Paulo explicitamente. E, passando a expor o tema mais em pormenor, mostra que essa cooperação no ato (...) deve ser interpretada de maneira muito prática. "Morreu por todos, a fim de que os que vivem já não mais vivam para si mesmo".⁶

Na sequência, o autor citado acima afirma que a ação de Cristo se torna disponível à humanidade na mesma proporção em que esta assume a realidade, as responsabilidades e as consequências da nova vida em Cristo, o que traz uma interpretação prática e pastoral da redenção, na qual a humanidade, por meio da adesão a Cristo, coopera com o ato redentor ao adotar práticas e princípios que orientem a própria vida no caminho de Cristo.

⁴QUESNEL, M. *As Epístolas aos Coríntios*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983. p. 54.

⁵Em 2 Coríntios 5,17 e Gálatas 6,15, Paulo usa a expressão "nova criação", *kaine ktisis*, estreitamente relacionada com a expressão "homem novo" *kanuos anthropos*, em Efésios 2,15; 4,23-24 e Colossenses 3,9-10. Essa expressão não é exclusiva de Paulo. Ela, e ideias associadas a ela, ocorrem em diversos textos literários e tradições do judaísmo do Segundo Templo: 1) necessidade de uma nova criação. 2) escopo da nova criação. 3) características da nova criação. (J.R. Levison 305). HAWTHORNE, G.F.; MARTIN, R.P.; REID, D.G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2ª edição. São Paulo: Edições Vida Nova; Paulus; Edições Loyola, 2008. Verbetes: Nova Criação.

⁶DODD, C.H. *A mensagem de S. Paulo para o homem de hoje*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979. p. 100.



Diante dessa argumentação é possível perceber que a ação redentora de Jesus Cristo se faz presente na realidade e na vida humanas, sendo também um processo de adesão, conversão e mudança de vida que transforma a todos em novas criaturas em Cristo Jesus. Porém, vale ressaltar que, para Paulo, a adesão humana é apenas consequência de algo muito maior: a Graça de Deus que, em seu infinito amor, se fez revelar na face de Jesus Cristo. Portanto, a origem da realidade da ação redentora na vida quotidiana da comunidade cristã não se dá na adesão humana, mas sim na Graça de Deus Pai (Cf. 2Cor 5,18-19) que, por meio do "perfeito sacrifício da Cruz" (Cf. 1Jo 2,2; 4,10; Hb 9,11-15) realizado por Jesus Cristo, "sacerdote, altar e cordeiro"⁷, reconcilia toda a humanidade e torna "novas todas as coisas". "É importante entender que, para Paulo, por trás de todo o processo de salvação está sempre a iniciativa de Deus. Nenhuma outra palavra expressa sua teologia tão claramente sobre esse ponto como 'Graça'" (*charis*).⁸

Essa graça divina se expressa no amor absoluto com que Jesus Cristo se entrega na Cruz para remissão dos pecados de toda a humanidade e construção de uma nova e eterna aliança entre Deus e sua mais perfeita criação. Assim, diante da imensa Graça de Deus, o homem, direto beneficiário, não pelos seus méritos, mas pelo Amor Divino, é impelido a viver segundo Cristo, transformando-se por completo frente ao mistério salvífico de Jesus Cristo.

A caridade de Cristo: o amor mostrado por Cristo (Gl 2,20; Rm 8,35-38) como o modelo da existência autêntica (v.15). *nos compele*: Paulo acha que não tem opção senão imitar a abnegação de Cristo. *Um só morreu por todos*: essa modificação de uma fórmula tradicional destaca o número de pessoas que se beneficiaram com a morte de Cristo. *Todos morreram*: o efeito do ato salvífico de Cristo, a vida nova (1Cor 15,22; Rm 5,12-21), é expresso em termos de seu pré-requisito, a morte para tudo o que é hostil a Deus (Rm 8,13). Essa vida nova (4,10-12) precisa se expressar em comportamento voltado para os outros, como foi o de Cristo (Gl 2,20). A maneira como ele morreu é a mesma como os cristãos devem viver.⁹

Paulo mostra, então, a necessidade da práxis cristã, em que pertencer a Cristo é deixar de lado as antigas práticas e orientar-se segundo o evangelho tornando-se, então, "nova criatura". Para tanto, explicita que a humanidade, diante de tanto amor dispensado a ela por Deus, não pode ficar parada. É, portanto, compelida a viver no amor de Cristo, e essa prática de vida se traduz na dimensão missionária e pastoral da autodoação e responsabilidade pelo outro. "Um só [Jesus Cristo] morreu por todos" (2Cor, 14), então todos devem viver como ele morreu, ou seja, por amor.

2. O DISCIPULADO MISSIONÁRIO E A AUTODOAÇÃO

⁷ Expressão utilizada na liturgia eucarística do tempo pascal. Cf. Missal Romano Prefácio da Páscoa IV.

⁸ DUNN, J.D.G. *A teologia do apóstolo Paulo*. Op. cit. p. 372

⁹ O'CONNOR, J. M., O.P. "Segunda Carta aos Coríntios". In: R. E. Brown; J.H. Fitzmyer; R. E. Murphy (edi.), *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2011. p. 498.



O tópico anterior teve por objetivo compreender, de forma pastoral, o conceito de “Nova Criatura” em Paulo, mais precisamente em 2Cor 5,14-17. Uma característica encontrada nessa perícopes é o caráter de discipulado missionário, em que Paulo se apresenta como um teólogo missionário a orientar de forma pastoral sua comunidade. Outro elemento é a autodoação, pois, nesse ponto, ser discípulo de Jesus é viver o amor e a caridade pelo próximo, alimentando o espírito de comunhão e solidariedade na comunidade. Nesse segundo momento, o presente artigo aborda alguns elementos práticos que orientam a vida dos seguidores de Cristo que, uma vez compelidos por Seu amor, são chamados a se doar, a exemplo de Jesus, à sua comunidade e suas necessidades.

O relato dos primeiros discípulos, no evangelho de Marcos (Cf. Mc 1,16-20) descreve a forma como Jesus chama os doze a participar de Sua missão. Nessa perícopes, o curioso a destacar é a narrativa de Marcos que enfatiza a decisão imediata dos discípulos em seguir a Cristo, “deixando imediatamente as redes eles o seguiram” (Mc 1,18), ou ainda, “Ele os chamou. E eles deixaram o pai, Zebedeu, no barco com os empregados e partiram, seguindo Jesus” (Mc 1,20). Esse imediatismo soa um pouco estranho se a perícopes for interpretada como fato histórico: como alguém poderia deixar tudo, sem mesmo se despedir de seus amigos e familiares? Como poderiam deixar tudo e seguir a um desconhecido?

Si prescindimos de las peregrinaciones, la movilidad geográfica y la consiguiente ruptura con la propia red social (familia, patronos, amigos, vecinos) eran consideradas fruto de una conducta anormal, y em la Antigüedad sería una actividad mucho más traumática que el simple abandono del trabajo y las herramientas. Esta es la primera vez que Marcos utiliza el verbo “seguir”.¹⁰

Na realidade, a mensagem do evangelho está intimamente ligada à identidade de Jesus, ou seja, ao conhecer de fato quem é Jesus, como Ele se entrega por amor à humanidade, ninguém pode ficar estático, tampouco relutante: deve imediatamente¹¹ aceitar o seguimento de Cristo e se colocar a serviço do evangelho. Tocados por tamanho amor, os seguidores de Cristo devem aderir imediatamente à proposta de Jesus, vivendo no amor a exemplo do Mestre, ou seja, se Jesus se doou pela humanidade assim também deve ser o discípulo, exemplo de autodoação, lembrando que ser discípulo também é assumir consequências dessa adesão, abandonar o passado e a segurança da vida antiga para se lançar numa nova vida em Jesus Cristo.

¹⁰ MALINA, B.J.; ROHRBAUGH, R.L. *Los evangelios sinópticos y la cultura mediterránea del siglo I*. Espanha: Editora Verbo Divino, 1996. p. 147.

¹¹ Vale ressaltar que os vv. 16-18 do primeiro capítulo do evangelho de Marcos têm essa função paradigmática, ou seja, demonstrar que, uma vez tocado por Jesus, é preciso imediatamente decidir, mudar de vida, romper com o velho e assumir a novidade de Cristo. Contudo, é preciso evitar certo vício nessa leitura, pois, Marcos não tem o intuito de afirmar que, na prática, a conversão e adesão à proposta de Jesus ocorrem de forma imediata; esse processo é diluído por todo o evangelho, no qual o evangelista tem a constante preocupação de construir e revelar a identidade de Jesus, formando e edificando a comunidade para um modelo de vida em Cristo.



(v. 16) Além de apresentar as duas duplas de irmãos (Mc 1,16-20), que aparecem em Mc 1, 29-31, o relato acerca da vocação dos primeiros quatro discípulos por parte de Jesus propõe um modelo de resposta a Jesus. Sua falta de preparação e a ausência de interesse em seu desenvolvimento psicológico servem para sublinhar o aspecto central do relato: Jesus e seu chamado foram tão marcantes que não havia necessidade de se preparar ou se acostumar; os primeiros discípulos prescindiam de pouca ou nenhuma deliberação para assumir um compromisso entusiástico... (v. 20). O relato enfatiza o custo do discipulado com sua exigência de abandonar a família e a segurança financeira.¹²

Relacionando essa interpretação à teologia paulina, na qual “o Amor de Cristo constrange, considerando que um só morreu por todos, logo todos morreram” (2Cor 5,14) e também que “Ele [Jesus Cristo] morreu por todos, para que os que vivem já não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou”, é possível afirmar que a adesão a Cristo no conceito de “novas criaturas” deve obedecer à mesma radicalidade, imediatismo e consequências apresentadas em Marcos. Seguir a Cristo como “nova criatura” exige a passagem do velho para o novo, abandonar o passado e aderir a Cristo de forma imediata, fazendo com que Seu amor incondicional, oferecido à humanidade na cruz, seja também a prática constante na vida do cristão que, decidindo pelo amor e, a exemplo de Cristo, se doa ao projeto do Reino e se lança ao serviço do irmão, cuidando “cada um de agradar o próximo para seu bem, para sua edificação, pois Cristo não procurou o que lhe agradava” (Rm 15,2-3). Nesse sentido, ser discípulo de Jesus Cristo é fazer a experiência com o ressuscitado, viver para Cristo e consequentemente, a exemplo de seu amor, viver para o próximo.

Vedoato, ao explicar o conceito de discípulo missionário de forma mais prática, traduz esse discipulado missionário em três pontos: “a) Proximidade a Jesus Cristo – Os discípulos são convidados a entrar numa íntima união com ele; b) Animados pelo Espírito Santo – O mesmo Espírito que conduziu Jesus deve conduzir a vida dos discípulos hoje; c) Vivência na comunhão – Deve perpassar toda a vida do discípulo.”¹³ Assim, concluindo este tópico e partindo da pastoral como chave de leitura, viver “para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2Cor 5,15), implica autodoação. Da mesma forma com que Cristo se doou inteiramente pela humanidade, assim também o discípulo que se coloca em missão, por meio do experimentar a Cristo, deve também se doar a Cristo, sendo que a expressão primeira dessa doação é a responsabilidade pelo irmão, imagem e semelhança de Deus a partir do rosto de Jesus Cristo.

3. O DISCÍPULO MISSIONÁRIO A SERVIÇO DA COMUNIDADE: A RESPONSABILIDADE PELO OUTRO

¹² HARRINGTON, D.J., S.J. “O Evangelho Segundo Marcos”. In: R. E. Brown; J.H. Fitzmyer; R. E. Murphy (edi.), *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2011. p. 72.

¹³ VEDOATO, G.M. *O Cristão Hoje: Discípulo e Missionário de Jesus Cristo*. Castelo Branco Científica 03 (2013), pp. 1-7.



Diante da argumentação até aqui apresentada, foi possível perceber a dimensão pastoral presente em 2Cor 5,14-17, na qual a teologia paulina, na linha do Novo Testamento, exorta o cristão a viver no seguimento do evangelho, não mais vivendo para si mesmo, mas para Cristo. Vale retomar que esse modo de vida exige adesão ao projeto de Jesus Cristo, colocando a vida a serviço do Reino de Deus, o que implica sair de si mesmo e, na vida em comunidade, inserir-se com verdadeiro espírito de serviço. Ao longo de suas Cartas, Paulo reconhece sua autoridade, tanto apostólica como para pregar a palavra de Deus; contudo, não faz dela instrumento de superioridade, e sim, ao contrário, se coloca a serviço da comunidade.

Certo de sua identidade como cristão e das consequências da adesão ao evangelho de Jesus Cristo, Paulo se coloca como servo, acreditando ser essa a função do verdadeiro discípulo. Fabris demonstra que “junto com o título autorizável de ‘apóstolo’ Paulo recorre à terminologia do ‘serviço’ para definir seu papel na Igreja primitiva. No sobrescrito da epístola aos Romanos, ele se apresenta com a qualificação de ‘Servo de Jesus Cristo’”¹⁴ (Rm 1,1), afirmando ainda que a terminologia dessa qualificação está relacionada ao conceito de “Servo de Deus”, associados no Antigo Testamento a Moisés, Davi e Profetas. Ao fazer a escolha de “buscar somente a vontade de Deus” Paulo se identifica como verdadeiro servo (*doulos*), ou seja, está primeiro a serviço de Cristo e seu evangelho (Cf. Gl 1,10).

Porém, Paulo também reconhece a dimensão comunitária do serviço e, por diversas vezes em seus escritos se utiliza dos conceitos de *diákonos* e *diakonia*, seja para si, seja para os membros de suas comunidades, o que estende a dimensão do serviço para o conceito de responsabilidade, ou seja, o “estar” a serviço da comunidade é responsabilizar-se por ela e pelos mistérios de Deus no meio dela, onde os verdadeiros discípulos agem “como servidores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus” (1Cor 4,1).

Dessa forma, o serviço (*diakonia*) adquire uma dimensão comunitária e relacional, ou seja, a prática diária da vida em Cristo, como seu “Servo”, acontece no seio da comunidade cristã em que cada um, na variedade dos dons e carismas, assume um papel na comunidade e se responsabiliza pelo outro, se coloca a serviço do outro, sendo que a preocupação central dessa relação é o bem comum e a construção do Reino de Deus. Paulo expressa essa situação relacional e comunitária do serviço no conceito de Igreja Corpo de Cristo: assim como um corpo físico possui vários membros, cada qual com sua função e importância, a Igreja, corpo místico de Cristo como comunidade relacional, também possui muitos membros, e cada qual, na sua individualidade e particularidade, deve identificar-se com o projeto de Cristo e colocar seus dons e carismas a serviço da comunidade, na autooferta e na responsabilidade pelo próximo (Cf. 1Cor 12,12-27).

Em solidariedade com Cristo, eles formam um só corpo, uma só família da qual todos eles são parte e a que todos eles devem uma obrigação. Não são

¹⁴ FABRIS, R. *Para ler Paulo*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p.71.



simplesmente indivíduos isolados, ligados individualmente a Cristo, mas juntos eles agora compartilham uma só vida em comum Nele.¹⁵

A corroborar tal condição, Fitzmyer afirma que em “1Cor 12,12-27, a figura, assim como é usada por Paulo, dificilmente transcende a ideia de uma união moral dos membros: os dons espirituais desfrutados pelos Coríntios ... devem ser usados para o bem comum e não para seu rompimento”¹⁶. Portanto, é possível perceber que ser discípulo missionário de Jesus Cristo necessariamente implica autodoação e responsabilidade pelo outro.

Dessa forma, a dimensão pastoral das cartas paulinas permite interpretar que o discipulado missionário é impulsionado pelo amor de Deus, no qual “constrangido” (2Cor 5,14) por essa tão grande Graça, o seguidor de Cristo é compelido a viver sua prática cristã a exemplo do amor incondicional de Jesus. Em espírito comunitário, o discípulo deve se entregar assim como Jesus se entregou, colocando seus dons a serviço da comunidade e, tendo como foco o bem comum e o Reino de Deus, responsabilizando-se pelo próximo a fim de que a mensagem de Cristo produza os frutos desejados pelo Salvador.

Diante do exposto e já partindo para a conclusão, três pontos resumem esses pontos de vista e os relacionam com os elementos presentes na teologia paulina de 2Cor 5,14-17: Inicialmente, o discípulo missionário, compelido pela Graça de Deus Pai e pelo Amor de Jesus dispensado a todos na Cruz, torna-se “Nova Criatura”. Morrendo para o pecado, abraça a nova vida em Cristo, coloca-se a serviço de Deus, preocupa-se em fazer Sua vontade. A exemplo de Paulo, o discípulo missionário, diante da graça e amor divinos, deve se tornar Servo (*doulos*) de Deus e, conseqüentemente, servo de Jesus Cristo.

Num segundo ponto, constrangidos pelo amor de Cristo o discípulo é chamado à autodoação, ou seja, colocar-se a serviço da comunidade (*diakonia*). Ser cristão não é um ato de fé individual, e sim algo que atinge a dimensão comunitária e relacional, em que o Reino de Deus se faz presente na comunidade cristã. Por fim, é essa dimensão comunitária da fé e do serviço que compele à responsabilidade. Uma vez que o discípulo se identifica como membro vivo do Corpo de Cristo que é a Igreja, percebe que, na prática cristã, o Reino de Deus é construído em relação com os outros, em comunidade. Assim, na “diversidade de dons”, contudo ciente de que o “espírito é o mesmo” (1Cor 12,4), o seguidor de Cristo coloca seus dons a serviço da comunidade, consciente de sua responsabilidade em compartilhar uma vida comum em Jesus Cristo.

Concluindo, tornar-se “nova criatura” (2Cor 5,16) em Cristo é ser movido pelo amor incondicional de Jesus e, a seu exemplo, doar-se e responsabilizar-se pelo outro, pois, a “nova criação”, originada na Cruz, cria uma “nova realidade” (2Cor 5,17) e, conforme

¹⁵ CAMPBELL, W.S. *Paulo e a Criação da Identidade Cristã*. Op.Cit. p. 271.

¹⁶ FITZMYER, J. A. (S.J). *Teologia Paulina*. In: R. E. Brown; J.H. Fitzmyer; R. E. Murphy (edi.), *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2011. p. 1633



demonstra Paulo, exige que todos “vivam não mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou” (2Cor 5,15).

CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo propor uma reflexão sobre o discipulado missionário a partir de 2Cor 5,14-17, mais precisamente nos conceitos de autodoação e responsabilidade pelo outro. Para tanto, a argumentação partiu de uma visão prática da teologia de Paulo que, em seus escritos, sempre se apresenta a suas comunidades com intenções pastorais e não com o intuito de construir uma teologia acadêmica.

Tendo como chave de leitura essa intenção pastoral de Paulo, o artigo debruçou-se, em um primeiro momento, sobre o conceito de “novas criaturas” presente em 2Cor 5,16, apresentando que a conversão em Cristo necessariamente exige transformação, ou seja, deixar para trás a velha humanidade pecadora e abraçar o seguimento de Jesus. A esse respeito, Paulo expõe que esse tornar-se “nova criatura” parte da “caridade de Cristo” que “compele” a viver segundo seu amor. É, portanto, iniciativa de Deus que derrama sua Graça a toda a humanidade (aqui Paulo traz a dimensão redentora como chave de leitura). Dessa forma, o discípulo de Jesus, “constrangido” pelo amor incondicional de Deus, é chamado a ser nova criatura e a viver como Cristo morreu, ou seja, por amor ao próximo, o que implica autodoação.

A partir dessas constatações, num segundo momento o presente trabalho refletiu sobre o discipulado missionário na autodoação, pois, da mesma forma com que Cristo se doou inteiramente pela humanidade, assim também o discípulo que se coloca em missão, experimentando Cristo, deve também se doar a Cristo, sendo que a expressão primeira dessa doação é a responsabilidade pelo irmão, imagem e semelhança de Deus a partir do rosto de Jesus Cristo.

Por fim, ao tratar da responsabilidade pelo outro, o tópico de número três trouxe em discussão a dimensão do discípulo como “Servo de Deus” e, a exemplo de Paulo, como “Servo de Jesus Cristo”. Assim, ao tornar-se “nova criatura”, “constrangido” pelo amor de Cristo, o discípulo assume o serviço como sua identidade cristã, primeiramente servindo a Deus (*doulos*) e “constrangido” pelo amor de Cristo serve também o próximo (*diakonia*). Essa interpretação aponta a dimensão comunitária do serviço, em que o cristão é chamado a colocar seus dons à disposição da comunidade (Corpo Místico de Cristo) e responsabilizar-se pelo outro, tendo como foco o bem comum e a relação comunitária que leva à construção do Reino de Deus.

Por fim, o artigo apresenta três elementos que resumem a práxis pastoral do discípulo missionário a partir da interpretação de 2Cor 5,14-17: a) a redenção a partir do amor de Cristo que compele a tornar-se “nova criatura” e viver segundo o Amor de Deus; b) o serviço à comunidade (*diakonia*), que leva à autodoação e a viver pelo próximo, ou seja, viver como Cristo morreu; c) a partir da dimensão comunitária, a responsabilidade pelo bem comum e pela construção do Reino de Deus, que leva à reponsabilidade pelo outro.



BIBLIOGRAFIA

- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. 1ª. Edição. São Paulo: Paulus, 2002.
- CAMPBELL, William. *Paulo e a Criação da Identidade Cristã*. São Paulo: Edições Loyola. 2011.
- DODD, Charles Harold. *A mensagem de S. Paulo para o homem de hoje*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.
- DUNN, James D.G. *A teologia do apóstolo Paulo*. 2ª. Edição. São Paulo: Paulus, 2008.
- FABRIS, Rinaldo. *Para ler Paulo*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FITZMYER, Joseph A. (S.J.). *Teologia Paulina*. In: R. E. Brown; J.H. Fitzmyer; R. E. Murphy (ed.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2011.
- HARRINGTON, D.J. (S.J.) “*O Evangelho Segundo Marcos*”. In: R. E. Brown; J.H. Fitzmyer; R. E. Murphy (edi.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2011.
- HAWTHORNE, G.F.; MARTIN, R.P.; REID, D.G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2ª edição. São Paulo: Edições Vida Nova; Paulus; Edições Loyola, 2008.
- MALINA, Bruce J.; ROHRBAUGH, Richard L. *Los evangelios sinópticos y la cultura mediterránea del siglo I*. Espanha: Verbo Divino, 1996.
- O’CONNOR, J. M., O.P. “*Segunda Carta aos Coríntios*”. In: R. E. Brown; J.H. Fitzmyer; R. E. Murphy (edi.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2011.
- PAGANOTTO, Diones Rafael. “*A dimensão escatológica na missão de Paulo: uma leitura da primeira carta aos tessalonicenses à luz da teologia da missão*”. In: *Contemplação – Revista Acadêmica de Filosofia e Teologia da Faculdade João Paulo II*, v. 1, pp. 29-39, 2014.
- QUESNEL, Michel. *As Epístolas aos Coríntios*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- VEDOATO, Giovanni Marinot. *O Cristão Hoje: Discípulo e Missionário de Jesus Cristo*. Castelo Branco Científica 03 (2013).